



GT 044. Mobilidade dos Povos Indígenas: fronteiras, conflitos e desafio dos direitos humanos

Antônio Hilário Aguilera Urquiza (UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) - Coordenador/a, Jane Felipe Beltrão (Universidade Federal do Pará) - Coordenador/a, Jorge Eremites de Oliveira (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a

O GT pretende reunir trabalhos de pesquisadores/as que tenham pesquisa sobre os novos contextos ou cenários de mobilidade dos povos indígenas, entre aldeias, entre fronteiras, ou mesmo para centros urbanos, realidades às vezes produzidas por deslocamentos forçados motivados por grandes empreendimentos, ou histórias de expulsão de seus territórios tradicionais e as tentativas de retorno na atualidade. Conforme dados do (IBGE ? 2010) ao redor de um terço da população indígena vive em espaços urbanos, enquanto outra parte vive em áreas de conflito, em acampamentos em margem de rodovias, ou mesmo em áreas tituladas por particulares, na maioria dos casos, em contextos de extrema violência. A mobilidade indígena muitas vezes é forma de resistência a múltiplas formas de violências: territoriais, culturais, políticas, de gênero, dentre outras, às quais os levam a intensa movimentação política com novas posições frente a um Estado usurpador de direitos, ao mesmo tempo em que procuram ocupar novos espaços políticos, como universidades e agências do próprio governo. Assim, este GT pretende reunir pesquisadores/as com afinidade na temática indígena e áreas afins que tragam contribuições para esse debate.

Reflexão sobre a experiência do acolhimento dos indígenas Warao em migração para o Brasil na cidade de Santarém-PA

Autoria: Dassuem Reis Nogueira

Algumas famílias de indígenas Warao vêm migrando da Venezuela para o Brasil desde 2014. Embora a fronteira com a Colômbia seja a principal saída dos venezuelanos, em média 8 mil/dia, o Brasil recebe o maior contingente de migrantes indígenas, a maioria Warao. Antes disso, a situação de migração forçada já era dramática. O primeiro grande impacto socioambiental no território foi o represamento de um dos braços de rio que compõem o delta do Orinoco, território tradicional dos Warao. O projeto de irrigação provocou a salinização das águas e a desertificação das terras. Em 1978 apareceram os primeiros relatos em jornais da presença de indígenas Warao pedindo dinheiro nas ruas da cidade de Tucupita. A Venezuela não possuiu políticas de proteção de territórios indígenas, além de um quadro de quase completo abandono do Estado, não só dos warao, mas de todos os indígenas no país. A cada grande impacto, os Warao foram migrando de seu território em busca de alimentação, passando a pedir dinheiro nas cidades para conseguir os produtos de que necessitam. Ao adentrar o território brasileiro em grandes números, a partir de 2016, foram recebidos como refugiados políticos e passaram a gozar de direitos e deveres como cidadãos brasileiros, entrando no fluxo de diferentes serviços, como de assistência social, saúde e educação. Ainda não há uma articulação definida dos aparelhos do Estado para atender essa demanda tão específica, e entre as cidades variam as entidades e responsabilidades de acolhimento entre ACNUR, Cáritas e Secretarias de Assistência Social. Os modos de vida, a diversidade entre eles, a alta mobilidade, a não articulação das entidades e a entrada no fluxo normal dos sistemas de serviços têm sido um grande desafio para o acolhimento nas cidades. As diferentes instâncias preocupam-se em inseri-los no mercado de work, no sistema educacional e de saúde normais, retirá-los da atividade de coleta de dinheiro nas ruas acompanhados das crianças. Somados a isso podemos apontar o forte preconceito do qual são alvo como estrangeiros, como indígenas, como pedintes,



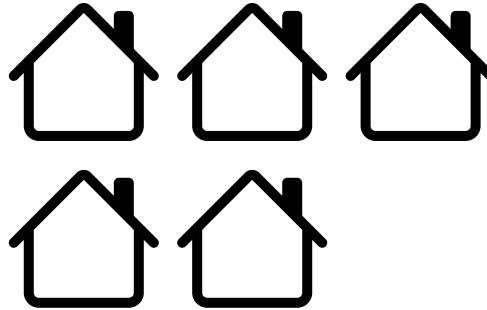
por parte das sociedades que os recebem e, das quais fazem parte, as equipes que os acolhem e parte da imprensa que os retrata. Atualmente circulam entre Pacaraima, Boa Vista, Manaus, Santarém, Altamira, Jacareacanga, Vitória do Xingu e Belém, cerca de 1870 indígenas warao. Tem sido um grande desafio que este grupo indígena tenha assegurado seu direito de reproduzir-se sócio culturalmente no contexto de migração e diante dos serviços, sendo para estes uma demanda inédita e para a qual ainda não há protocolos. Este work efetirá sobre algumas dessas questões, observadas a partir de minha atuação como antropóloga da equipe de assistência social que acolhe aos Warao na cidade de Santarém-PA.



Realização:



Apoio:



Organização:

